

A estreita relação entre quantidade e intensidade

Evidências translinguísticas

Helena Guerra Vicente
Universidade de Brasília, Brasil

Marcus Vinicius Lunguinho
Universidade de Brasília, Brasil

Abstract The aim of this paper is to provide further evidence for a unified analysis of *todo*-all as an intensifier and quantifier, which, we claim, is a sole lexical item and should be called a ‘degree modifier’. The evidence comes from Brazilian Portuguese, English, Southern Cone Spanish, French and Quebec French. The main advantage of our proposal is that the distinct readings are yielded depending on whether the degree modifier has scope over (i) a scale associated with a nominal extension and its degree of participation in an event (quantificational reading) or (ii) a scale associated with a degree adjective and a nominal extension holding an adjectival property (intensificational reading).

Keywords Quantifier. Intensifier. Degree modifier. Todo. All.

Resumo 1 Introdução. – 2 Evidências de outras línguas. – 2.1 Inglês. – 2.2 Francês e francês quebequense. – 2.3 Espanhol do Cone Sul. – 3 Proposta de unificação na sintaxe: o sintagma de Grau. – 4 Gerando as diferentes leituras: quantidade ou intensidade? – 4.1 Derivando as sentenças, passo a passo. – 5 Considerações finais.

1 Introdução

Observa-se, em português brasileiro e em outras línguas, uma ambiguidade em orações do tipo de (1), com a presença do elemento tradicionalmente denominado ‘quantificador’, *todo-all*, em que tanto podemos ter uma leitura de intensidade / intensificacional (1a) quanto uma leitura de quantidade / quantificacional (1b):

- (1) Os meninos chegaram todos animados.
- a. ‘Os meninos chegaram completamente animados’ (leitura de intensidade)
 - b. ‘Todos os meninos chegaram animados’ (leitura de quantidade)

O objetivo deste trabalho é fornecer evidência adicional para a proposta de Guerra Vicente e Quadros Gomes (2013) de que construções com *todo-all* (ambíguas e não ambíguas) sejam analisadas de maneira unificada, em termos da noção semântica de grau.¹ Para as autoras, *todo-all* sempre marca uma relação entre um argumento e seu predicador como uma saturação em grau máximo. A proposta defendida é a de não haver dois itens lexicais *todo-all* (um quantificador e um intensificador). O que há é um único item lexical *todo-all*, que sempre faz a mesma operação: conferir grau máximo a uma relação predicativa. Com base nessa proposta, seria inadequado, portanto, rotular *todo-all* como um quantificador. Como um item lexical único, *todo-all* pode gerar tanto uma leitura de intensidade como de quantificação, sendo cada uma dessas leituras o resultado do local em que um sintagma de Grau (DegP) associado com *todo-all* é inserido na derivação. Por essa razão, as autoras defendem que *todo-all* é um ‘modificador de grau’, que ajusta a relação entre uma expressão de grau e os complexos [argumento + propriedade a ele atribuída] ou [argumento + evento do qual participa], alterando, assim, as condições de verdade das sentenças em que esse modificador ocorre.

Na seção 2, apresentamos dados de línguas como o inglês, o francês, o francês quebequense e o espanhol do Cone Sul, nas quais um mesmo item lexical (muitas vezes tratado como itens diferentes, porém homófonos) se desdobra em usos como intensificador e como quantificador. Na seção 3, com base em Guerra Vicente, Quadros Gomes e Lunguinho (2016), fornecemos uma sintaxe capaz de captar a hipótese semântica descrita acima. Na seção 4, descrevemos em detalhes as derivações sintáticas propostas. Por fim, apresentamos algumas considerações finais.

¹ Acerca de uma semântica de Graus, ver Kennedy 1999 e Kennedy, McNally 2005.

2 Evidências de outras línguas

Do ponto de vista translinguístico, é notável que um mesmo item lexical desempenhe as funções de intensificador e de quantificador. Não é privilégio do português brasileiro essa aparente flutuação categorial de um item que combina os papéis de intensificador e de quantificador (cf. Guerra Vicente, Quadros Gomes 2013). Nesta seção, ilustraremos essa estreita relação entre as noções de intensidade e de quantidade a partir de dados do inglês, do francês quebequense e do espanhol do Cone Sul. Nosso objetivo, ao final, é mostrar que, em situações nas quais um mesmo item lexical funciona como intensificador e como quantificador, não estamos diante de dois itens fonologicamente idênticos e sintaticamente diferentes. Pelo contrário, nesses casos, propomos que existe um único item lexical, que, a depender de sua posição na derivação sintática, produz ou uma leitura de intensidade ou uma leitura de quantidade. Trata-se, portanto, de uma análise unificada de grau. Seguindo essa proposta, preferiremos usar o rótulo ‘modificador (de grau)’ a usar rótulos como ‘quantificador’, ‘determinante’, ‘intensificador’, ‘advérbio’ ou quaisquer outros rótulos que nos levem a assumir uma análise não unificada.

2.1 Inglês

No inglês, temos conhecimento de pelo menos um trabalho (Rickford et al. 2007) que aborda o duplo caráter de *all*, mas, infelizmente, essa questão é pouco explorada. As construções que mais nos interessam, quais sejam, as ambíguas, envolvendo constituintes nominais plurais modificados por *all*, foram deixadas de lado, justamente por conta de sua ambiguidade. Segundo os autores,

Isso aconteceu porque a maioria das orações nas quais há sujeitos plurais combinados com *all* são ambíguas entre uma construção com quantificador enalhado e uma construção com advérbio. [...] Para evitar essa ambiguidade, nós restringimos nossa investigação a construções nas quais intensificadores se combinam com sujeitos singulares. (Rickford et al. 2007, 8; tradução dos Autores)²

O artigo de Rickford et al. (2007) traz um bom exemplo para ilustrar o fenômeno aqui analisado, e nos dá a certeza de que não é apenas

² De acordo com o original: «This is because most clauses with plural subjects + *all* are ambiguous between floated quantifier and adverbial constructions. [...] To avoid this ambiguity, we restricted our investigation to intensifiers with singular subjects».

no português brasileiro que *todo-all* se dobra aos usos como intensificador e como quantificador:

- (2) The players were all sexy
a. 'The players were totally sexy'
[Advérbio *all* = 'completamente'; modifica o núcleo adjectival *sexy*]³
b. 'All the players were sexy'
Quantificador flutuante: adjetivo *all* = 'every'; modifica o sujeito *the players*]

No português brasileiro, a sentença *Os jogadores eram todos sexy* está associada ao mesmo tipo de ambiguidade, uma vez que essa sentença pode ser interpretada como uma afirmação de que todos os jogadores eram *sexy* ou de que todos os jogadores eram completamente, totalmente *sexy*.

2.2 Francês e francês quebequense

No francês também podemos observar que as formas análogas a *todo-all* e suas flexões podem ser usadas em contextos de intensificação e de quantificação. Aos exemplos, acrescentamos o caso de *tut*, forma não-padrão do francês quebequense, assim grafada para não ser confundida com a forma padrão, homógrafa e homófona, *tout* (cf. Bélanger 2003).

Vejamos os seguintes dados, com leitura intensificacional e leitura quantificacional. Nas glosas, já adiantamos a informação de que o modificador, na leitura quantificacional, tem certa mobilidade no francês e uma alta mobilidade no português brasileiro.

- (3) (Toutes / Tut) les filles ont (toutes / tut) nagé.
Todas as meninas Aux todas nadado
'(Todas) as meninas (todas) nadaram (todas)'
(4) Pierre a mangé (tout / tut) le gateau.
Pedro Aux comido todo o bolo
'Pedro comeu (todo) o bolo (todo)'

Os dados acima apresentam *todo-all* na configuração de leitura quantificacional, com modificação tanto do sujeito (3) quanto do objeto (4).

3 Nesses exemplos, mantivemos a descrição dos dados apresentada pelos autores do texto original. Como se verá mais adiante, essa descrição não é idêntica ao que vamos propor como estrutura sintática, mas as diferentes leituras associadas aos dados correspondem exatamente às do português brasileiro, com quantificação e intensificação, respectivamente.

Abaixo, ilustramos *todo-all* na configuração que produz a ambiguidade, análoga à do inglês e à do português brasileiro, envolvendo a combinação [sujeito no plural + modificador + adjetivo]:

- (5) Les feuilles sont (toutes / tut) rouges.
as folhas são/estão todas vermelhas
'As folhas são/estão todas vermelhas.'

As interpretações possíveis para (5) são as seguintes: (i) as folhas estão completamente vermelhas (leitura intensificacional), ou (ii) todas as folhas, ou seja, 100% delas, estão vermelhas (leitura quantificacional).

A construção abaixo, agramatical no francês padrão, porém gramatical no francês quebequense, exibe uma peculiaridade no que diz respeito à distribuição dos modificadores de grau em relação ao objeto:

- (6) Nathalie a (*tous / tut) lu les articles.
Nathalie AUX todos lido os artigos
'Nathalie leu todos os artigos.'

No francês padrão, o deslocamento de um modificador de grau associado ao objeto para uma posição acima do complexo [argumento (em posição de objeto) + evento do qual participa] é agramatical; já, no francês quebequense, esse mesmo movimento é gramatical.⁴

2.3 Espanhol do Cone Sul

O tratamento tradicional de intensificadores trata 'muito' como uma palavra prototípica. Em português, essa palavra pode ser analisada como (três) itens lexicais homófonos (Guerra Vicente, Quadros Gomes 2013):

- (7) a. *muito*_{INTENSIFICADOR}: quando se associa a adjetivos
A Maria é [muito bonita].
b. *muito*_{ADVÉRBIO}: quando se associa a verbos
Eles [beberam muito].
c. *muito*_{DETERMINANTE}: quando se associa a substantivos
[Muitos alunos] faltaram hoje.

⁴ Esse movimento 'inesperado' do modificador *tut* para uma posição acima do complexo [argumento (em posição de objeto) + evento do qual participa] é particularmente importante para a proposta de Guerra Vicente e Quadros Gomes (2013), uma vez que, em sua análise, esse movimento havia sido previsto como teoricamente possível, mas ainda não havia sido empiricamente constatado nas línguas estudadas pelas autoras.

Como se vê, as diferentes análises de ‘muito’ têm relação direta com a categoria morfossintática dos constituintes com os quais esse modificador se associa.

As palavras *re* (no espanhol rio-platense) e *ité* (no espanhol da zona de contato com o guarani) possuem significado afetivo de ponderação, basicamente aumentativo, com interpretações equivalentes a: (i) *muy*, quando combinados com adjetivos, como em (8); (ii) *mucho*, quando combinados com verbos, como em (9); ou (iii) *gran / verdadero* (10), quando combinados com substantivos, como em (10). Da mesma que acontece com ‘muito’ em português, as diferentes interpretações de *re* e *ité* dependem da categoria morfossintática do constituinte com o qual se combinam (Kornfeld 2012):

- (8) a. re grande, re inteligente
b. loco ité, lindo ité
- (9) a. se re esfuerza, re trabaja
b. se desvía ité, me dormí ité
- (10) a. un re auto, un re vino
b. un colorado ité, un profesional ité

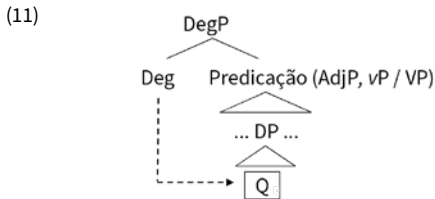
Como nosso trabalho está centrado no modificador *todo-all*, não nos deteremos na análise de modificadores do tipo de ‘muito’. No entanto, esses exemplos do espanhol do Cone Sul servem para trazer evidência adicional para a nossa proposta de: a) haver uma estreita relação semântica entre as noções de quantidade e de intensidade, e b) ser possível representar essas noções na sintaxe.

3 Proposta de unificação na sintaxe: o sintagma de Grau

Considerando a dupla possibilidade de leituras, que, como vimos, não é exclusividade do português brasileiro, proporemos uma abordagem das construções com *todo-all* na interface sintaxe - semântica, fornecendo uma sintaxe capaz de captar a hipótese semântica de que *todo-all* é um modificador de grau que pode tanto indicar o grau máximo de aplicação de uma propriedade a um argumento - gerando a leitura de intensidade - como o grau máximo de participação de um argumento em um evento - gerando a leitura de quantidade (cf. Quadros Gomes 2009; Guerra Vicente, Quadros Gomes 2013; Guerra Vicente, Quadros Gomes, Linguinho 2016).

Em termos semânticos, isso equivale a dizer que o modificador de grau pode ter escopo sobre uma relação de [argumento + propriedade] (exemplo (1a)) ou sobre uma relação de [argumento + evento] (exemplo (1b)). Em termos sintáticos, equivale a dizer que um sintagma de Grau (DegP) associado ao modificador de grau precisa c-comandar a

projeção sintática que corresponde ao complexo [extensão nominal em posição de argumento + propriedade/predicação adjetival] ou ao complexo [extensão nominal em posição de argumento + evento/predicação verbal]. Assim, DegP precisa estar em uma posição de c-comando em relação a esses complexos predicativos, como se vê abaixo:



Argumentamos que *todo-all* (representado pelo rótulo sintático Q) sempre mantém uma relação de *Agree* com um núcleo Deg que projeta um sintagma de Grau, já que esse modificador sempre opera sobre escalas: (i) uma escala associada a um adjetivo de grau e a uma extensão nominal que carrega uma propriedade adjetival ou (ii) uma escala associada a uma extensão nominal e seu grau de participação em um evento. Sendo assim, não há dois *todo-all* homófonos (Guerra Vicente, Quadros Gomes 2013; Guerra Vicente, Quadros Gomes, Lunguinho 2016), mas um único item lexical que ajusta relações de predicação (Partee et al. 1987). A leitura intensificacional e a leitura quantificacional são, portanto, geradas por diferentes configurações sintáticas, que apresentaremos adiante.

4 Gerando as diferentes leituras: quantidade ou intensidade?

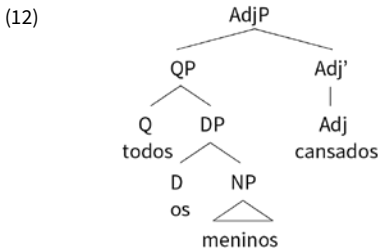
Antes de passarmos às representações sintáticas das diferentes leituras, é necessário dizer que, para o português brasileiro, adotamos o raciocínio de que *todo-all* é um núcleo (cf. Shlonsky 1991; Guerra Vicente 2006, 2016; Lacerda 2012, 2013, 2016) que seleciona o DP associado a ele como complemento e que pode ‘flutuar’ (cf. Sportiche 1988). Adotamos ainda o pressuposto presente em Valmala-Elguea (2008), para o espanhol, e em Lacerda (2012, 2013, 2016), para o português brasileiro, de que *todo-all* não é um elemento inerte. As derivações que apresentaremos são de construções do português brasileiro, sendo possível que construções de outras línguas tenham de sofrer pequenas alterações,⁵ desde que mantida a hipótese origi-

⁵ Guerra Vicente (2006), com base em testes, sugere que, devido a uma assimetria entre a estrutura dos DPs no inglês e no português brasileiro, seria possível termos uma

nal de que o modificador tem escopo sobre um complexo predicativo, e não sobre elementos individuais.

4.1 Derivando as sentenças, passo a passo

Uma sentença como *Os meninos chegaram todos cansados* é ambígua. Uma de suas interpretações corresponde à leitura de intensidade: os meninos chegaram e estavam completamente / muito cansados. A outra interpretação corresponde à leitura de quantidade: a totalidade dos meninos considerados (isto é 100% dos meninos) chegou e esses meninos estavam cansados. Seguindo nossa proposta, cada uma dessas interpretações é produto de uma sintaxe distinta, cuja diferença tem a ver com o momento em que DegP é introduzido na derivação. Começemos com a leitura intensificacional. A derivação se inicia com a construção do domínio do predicado secundário que tem o adjetivo *cansados* como seu núcleo:



O adjetivo seleciona o DP [*todos os meninos*] como seu argumento externo e lhe atribui papel temático.⁶ Conforme argumentamos, sempre que há um modificador de grau na derivação, esse modificador ativa uma projeção funcional de Grau (DegP), que se localiza na periferia sintática do constituinte que contém o modificador de grau.⁷ Na sentença em estudo, há um modificador de grau: o núcleo *todos*. Esse núcleo ativa um sintagma de Grau que é inserido (*externally merged*)

relação de adjunção entre Q e o DP no inglês, ao contrário do português, em que essa relação seria de complementação.

⁶ Por questões de espaço, não entraremos na discussão do mecanismo que produz a concordância nominal que se verifica nas sentenças em estudo. Assim, não descreveremos como o adjetivo *cansados* concorda com o DP [*os meninos*] nem o mecanismo de concordância interna ao domínio nominal como a que se verifica entre determinantes e nomes (*os meninos, a pizza*) ou entre modificadores de grau e nomes (*todos os meninos, toda a pizza*).

⁷ Consequentemente, a projeção DegP é considerada uma categoria do domínio A' da sentença.

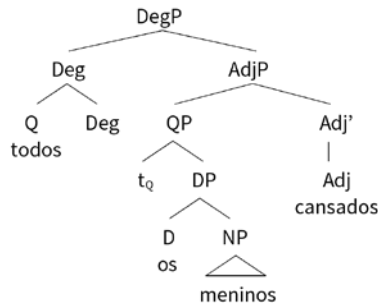
na periferia do AdjP. A derivação prossegue até o momento da inserção de Deg e a formação do sintagma de Grau DegP:

(13)



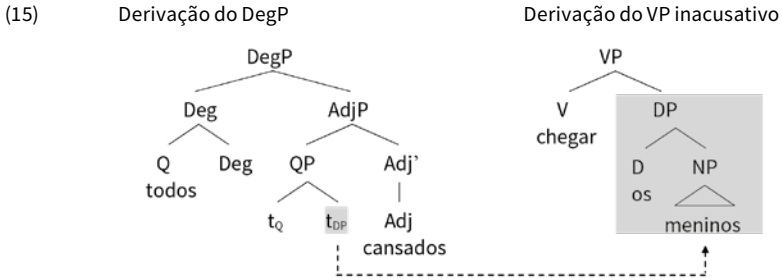
Nessa derivação, Deg é um núcleo sintático que apresenta dois traços. Um deles é o seu traço de grau, que, por não estar valorado, torna Deg uma Sonda que busca um Alvo com traços compatíveis com os seus. Na derivação acima, o núcleo *todos* tem traço de grau valorado como máximo e, por essa razão, pode ser um Alvo para Deg. Assim, estabelece-se uma relação de *Agree* entre Deg e *todos*, resultando na valoração do traço de Deg como [GRAU MÁXIMO]. Além do traço de grau, Deg possui um outro traço, que é responsável por atrair *todos* para Deg, deixando uma cópia em sua posição original (representada como t_Q) como ilustrado abaixo:

(14)

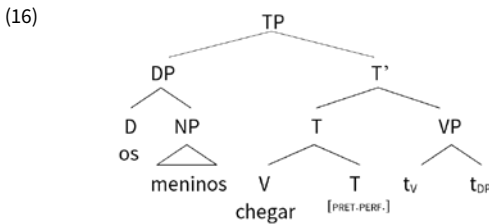


Devido ao fato de Deg estar associado a AdjP, camada predicativa que tem o adjetivo *cansados* como núcleo, a representação acima gera a leitura de intensidade: a aplicação da propriedade de estar cansado se aplica aos meninos em um grau máximo, muito acima do que é considerado normal. Dizendo de outro modo, os meninos estão completamente / muito cansados.

No momento em que se deriva o constituinte DegP, o Sistema Computacional também deriva a oração *Os meninos chegaram*, começando a partir da derivação do VP inacusativo:



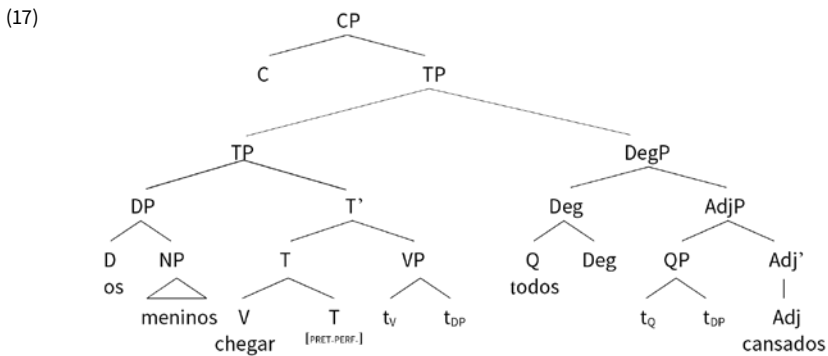
O Sistema Computacional está lidando com duas subestruturas separadas. Uma delas é o DegP e a outra é o VP cujo núcleo é o verbo inacusativo *chegar*. Esse verbo seleciona um argumento interno, que, nesse caso, é o DP [*os meninos*], o qual se move de dentro do DegP diretamente para o VP em uma instância de movimento lateral (Nunes 2001, 2004). No VP, esse DP recebe um segundo papel temático, mas não tem seu traço de Caso valorado por ser *chegar* um verbo inacusativo.⁸ A derivação prossegue até o momento da inserção do núcleo T na derivação:



Esse núcleo funcional apresenta um conjunto completo de traços- ϕ não-valorados, o que o torna uma Sonda a procura de um Alvo ativo e compatível. No VP, o DP [*os meninos*] é um alvo ativo, pois seu traço de Caso não foi valorado, e é compatível com T, pois tem um con-

⁸ Em nossa análise, estamos adotando os seguintes pressupostos: a) papéis temáticos são traços que ativam movimento e b) não há limite para o número de papéis temáticos que um DP possa receber. A esse respeito, ver: Bošković 1994; Hornstein 1999, 2001, 2003; Nunes 2004; Rodrigues 2004.

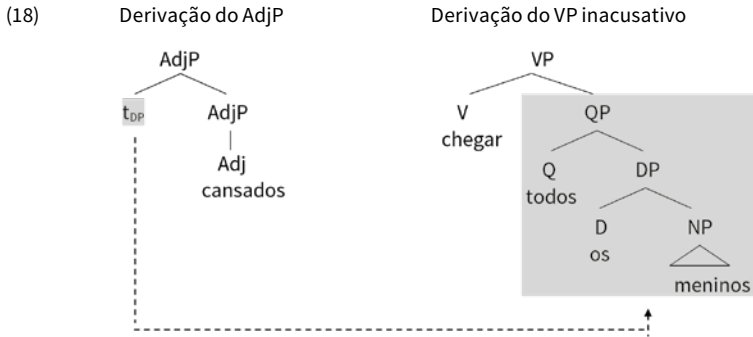
junto de traços- ϕ (gênero, número e pessoa) valorados e compatíveis com os traços- ϕ de T (número e pessoa). Estabelece-se *Agree* entre T e o DP [os *meninos*] e, em consequência dessa operação, os traços- ϕ de T são valorados como [3ª pessoa, plural] e o traço de Caso do DP é valorado como [NOMINATIVO]. Além dos traços- ϕ , T apresenta dois outros traços que forçam movimentos: um deles faz o verbo mover-se de V para T, e o outro (um traço EPP) ativa o movimento do DP [os *meninos*] para a posição de especificador de T. Formado o TP, o objeto sintático DegP se adjunge a TP. Em seguida, o núcleo funcional complementador é introduzido na derivação, trazendo a informação relativa à força ilocucionária da sentença e produzindo a estrutura abaixo:



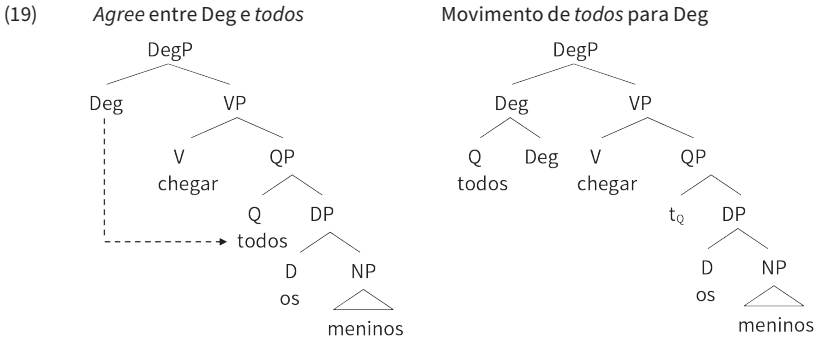
Na representação acima, adotamos a proposta de Foltran (1999) e de Carreira (2015), segundo a qual as predicções secundárias voltadas para o sujeito são adjuntos a TP. Na configuração acima, após sua combinação a TP, DegP torna-se um adjunto e, nessa condição, não permitiria a extração do DP [os *meninos*]. Para que o movimento desse DP para fora de DegP seja lícito, esse movimento deve acontecer antes de DegP se adjungir a TP (ou seja, antes de DegP se tornar uma ilha). Por conta disso e pelo fato de não haver, na Numeração, um elemento que possa ser usado para combinar-se com o verbo ‘chegar’ e satisfazer sua seleção, o movimento lateral do DP [os *meninos*] é acionado antes da adjunção de DegP a TP. Dessa forma, essa operação não viola nenhuma restrição sintática e permite que esse DP se combine com o verbo ‘chegar’ e forme o VP inacusativo.

A derivação da leitura quantificacional da sentença *Os meninos chegaram todos cansados* se inicia da mesma forma que a derivação da leitura intensificacional, isto é, primeiramente forma-se o domínio do predicado secundário que tem o adjetivo *cansados* como seu núcleo e que seleciona o QP [*todos os alunos*] como seu argumento externo e atribui papel temático. No mesmo momento em que o Sis-

tema Computacional está derivando a estrutura do AdjP, ele está derivando a estrutura do VP inacusativo que tem o verbo *chegar* como núcleo. Diferentemente da derivação da leitura intensificacional, na leitura quantificacional, DegP não é inserido acima de AdjP. Assim que o sintagma adjetival é formado, o QP [*todos os alunos*] move-se de dentro desse constituinte, por movimento lateral, e combina-se com o verbo *chegar* como seu argumento interno, recebendo um segundo papel temático:

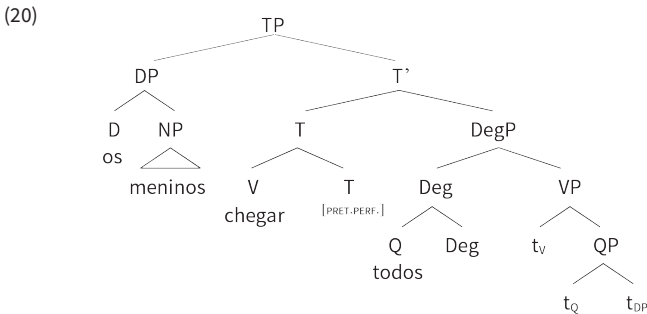


Em seguida, DegP é inserido acima do VP inacusativo. Na derivação da leitura quantificacional, a composição de traços do núcleo Deg é a mesma da derivação da leitura intensificacional: esse núcleo funcional tem um traço de grau não-valorado que o torna uma Sonda em busca de um Alvo compatível para estabelecer *Agree* e valorar o seu traço de grau. Dento do VP, o núcleo ‘*todos*’ qualifica-se como Alvo, uma vez que tem um traço de grau valorado como máximo. Deg entra, então, em relação de *Agree* com ‘*todos*’ e seu traço de grau recebe o valor [GRAU MÁXIMO]. Além do traço de grau, Deg possui um outro traço, que faz com que ‘*todos*’ se mova para Deg, deixando uma cópia em sua posição original:



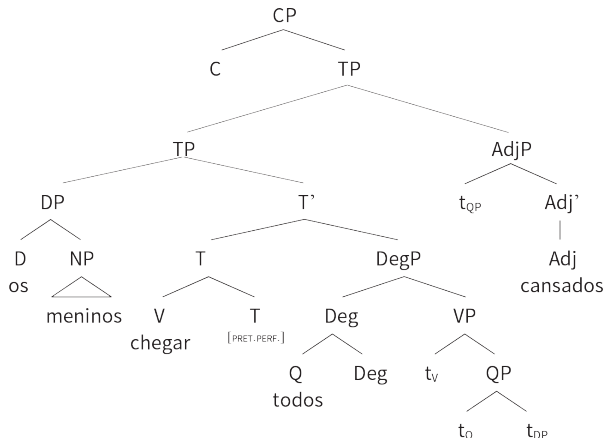
Porque Deg encontra-se associado a VP, uma camada predicativa que tem o verbo *chegar* como núcleo, a representação acima produz a leitura de quantificação: toda a extensão dos meninos considerados participou do evento de chegar (em outras palavras, 100% dos meninos considerados chegou).

A derivação prossegue com a inserção do núcleo T na derivação:



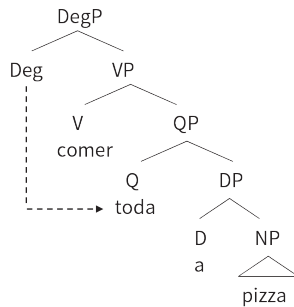
Da mesma forma que aconteceu na derivação da leitura intensificacional, T apresenta um conjunto completo de traços- ϕ não-valorados que estabelecem *Agree* com o Alvo, o DP [os meninos], e são valorados como [3ª pessoa, plural]. Nessa operação, o traço de Caso do DP é valorado como [NOMINATIVO]. O núcleo funcional T tem ainda dois traços: um que força o movimento do verbo para T e um traço EPP, que força o deslocamento do DP [os meninos] para a posição de especificador de T. Formado o TP, o objeto sintático AdjP se adjuge a ele. Em seguida, o núcleo funcional complementador é introduzido na derivação, trazendo a informação relativa à força ilocucionária da sentença e resultando na estrutura abaixo:

(21)



Em uma sentença como *Os meninos comeram toda a pizza*, o modificador de grau *toda* faz parte do objeto. Sua derivação tem início com a formação do grau *toda* (o verbo *comer*) seleciona o QP [*toda a pizza*] como argumento interno e lhe atribui um papel temático. Como há no VP uma relação predicativa entre o verbo e o QP [*toda a pizza*], o sintagma de Grau DegP é inserido na periferia do VP, de acordo com nossa argumentação de que, sempre que existe um modificador de grau na derivação, esse modificador ativa uma projeção DegP.

(22)



Da mesma forma que aconteceu no caso da oração *Os meninos chegaram todos cansados*, Deg é um núcleo sintático que apresenta um traço de grau, que, por não estar valorado, qualifica-o como uma Sonda que busca um Alvo com traços compatíveis com os seus. Na derivação acima, o núcleo *toda* tem traço de grau valorado como máximo e, por essa razão, pode ser um Alvo para Deg. Estabelece-se uma relação de *Agree* entre Deg e *toda*, resultando na valoração do traço de Deg co-

mo [GRAU MÁXIMO]. Diferentemente da derivação da oração *Os meninos chegaram todos cansados*, Deg não possui o traço responsável por atrair o modificador de grau *toda* para Deg. Por essa razão, esse modificador de grau continua formando constituinte com o DP [*a pizza*].⁹ A interpretação dessa configuração é a de que a afetação do DP [*a pizza*] pelo ato de comer foi máxima, isto é, todas as partes da pizza foram afetadas pelo evento de comer. Essa é a leitura quantificacional.

A seguir, insere-se o verbo leve *v*, que introduz o DP [*os meninos*] como argumento externo e lhe atribui papel temático. Essa categoria funcional tem um traço que atrai o verbo *comer* (o qual se move e se adjunge a *v*) e um conjunto de traços- φ não-valorados. A presença desses traços- φ não-valorados faz de *v* uma Sonda, que busca um Alvo ativo para estabelecer *Agree* e, assim, valorar seus traços- φ . O DP [*a pizza*] se qualifica como Alvo ativo, pois apresenta um traço de Ca-

⁹ Interessante notar que, observando-se apenas a sentença *Os meninos comeram toda a pizza*, alguém poderia sugerir que essa sentença resulta de dois arranjos diferentes de traços de Deg. Um desses arranjos é aquele descrito no texto: Deg traz para a derivação apenas um traço de grau. Por conta disso, não há deslocamento do modificador de grau *toda* para Deg e esse modificador continua formando constituinte com o DP [*a pizza*]. O outro arranjo possível é aquele em que Deg traz dois traços, o seu traço de grau e o traço que atrai o modificador de grau para Deg, desfazendo assim a constituinte entre ‘*toda*’ e o DP [*a pizza*]:

(i) [_{vp} [_{DP} os meninos] [_v comer-v [_{DegP} toda-Deg [_{vp} t_{comer} [_{QP} t_Q [_{DP} a pizza]]]]]]]

Como se vê, essa segunda combinação de traços de Deg produz o mesmo resultado da primeira composição de traços desse núcleo. Com a segunda combinação de traços, o movimento de ‘*toda*’ para Deg seria vácuo, pois, na Forma Fonética, esse modificador de grau seria realizado antes do DP [*a pizza*], criando a ilusão de que eles formam um único constituinte. Embora essa proposta de dois arranjos de traços de Deg seja plausível no domínio da modificação de grau do sujeito, tendo, inclusive efeitos na Forma Fonética, ela precisa ser analisada com cuidado em relação ao domínio da modificação de grau do objeto. Por falta de espaço, limitamo-nos apenas a apresentar tal proposta e deixar, para trabalhos futuros, a tarefa de avaliá-la criteriosamente em termos de suas previsões e suas consequências para o domínio da modificação de grau do objeto no português brasileiro.

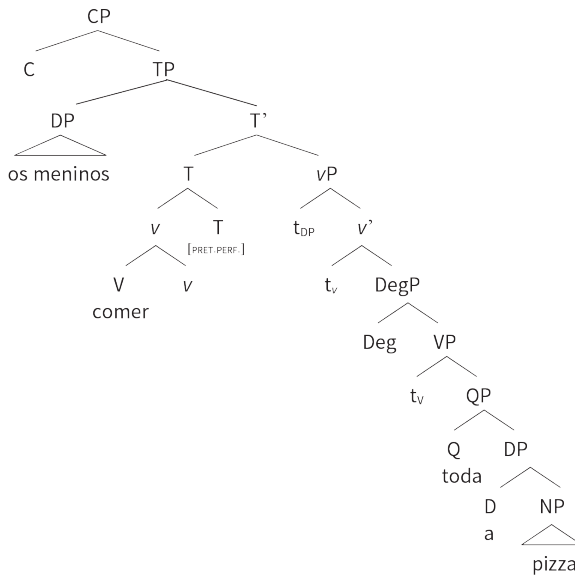
Para encerrar, é importante destacar que, embora, no português brasileiro, os dados não pareçam ser muito claros, no francês quebequense, os dados mostram que há, sim, duas possibilidades de composição de traços para Deg quando há um modificador de grau associado ao objeto:

(ii) a. Nathalie a lu tut les articles.
Deg: [traço de grau]
b. Nathalie a tut lu les articles.
Deg: [traço de grau] e [traço que ativa movimento de *tut* para Deg]
‘Nathalie leu todos os artigos.’

Os dados acima sugerem dois caminhos para a investigação. Em um deles, não há nenhuma restrição quanto à composição de traços de Deg, podendo esse núcleo entrar na derivação com ou sem o traço que ativa o movimento do modificador de grau para Deg. No outro, há restrições quanto à composição de traços de Deg: quando o modificador de grau está associado ao sujeito, Deg entra na derivação com ou sem o traço que ativa o movimento do modificador de grau para Deg; quando o modificador de grau está associado ao objeto, Deg não traz para a derivação esse traço. No caso de haver restrição, essa restrição não seria universal, pois ela é atuante em algumas línguas (francês padrão), mas não em outras (francês quebequense).

so não-valorado e tem traços- φ valorados e compatíveis com os traços- φ de *v*. Encontrado esse Alvo, estabelece-se *Agree* e, nessa operação, os traços- φ de *v* são valorados como [3ª pessoa, singular] e o traço de Caso do Alvo é valorado como [ACUSATIVO]. A derivação continua com a introdução da categoria funcional T. Por possuir um conjunto completo de traços- φ não-valorados, T atua como uma Sonda, rastreia seu domínio de complemento e encontra o argumento externo [*os meninos*] como um Alvo ativo e compatível, uma vez que apresenta traço de Caso não-valorado e um conjunto completo de traços- φ valorados e compatíveis com os traços- φ de T. Estabelece-se *Agree* entre T e esse DP e, como consequência dessa operação, os traços- φ de T são valorados como [3ª pessoa, plural] e o traço de Caso do DP é valorado como [NOMINATIVO]. Além dos traços- φ , T apresenta dois outros traços que forçam movimentos: um deles faz o verbo mover-se para T e o outro, um traço EPP, ativa o movimento do DP [*os meninos*] para a posição de especificador de T. Formado o TP, C é inserido e traz a informação acerca da força ilocucionária da oração:

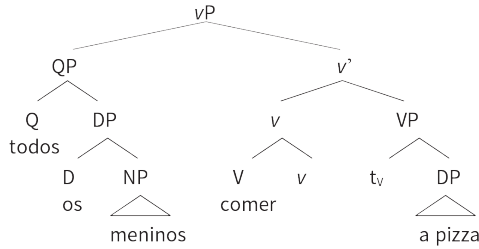
(23)



Para derivar a sentença *Todos os meninos comeram a pizza*, o passo inicial é, como na derivação anterior, a constituição do VP cujo núcleo é o verbo *comer*. Esse verbo seleciona o DP [*a pizza*] como argumento interno, atribuindo-lhe papel temático. A derivação prossegue com a inserção do verbo leve *v*, que introduz o QP [*todos os meninos*] como argumento externo e lhe atribui papel temático. Essa categoria fun-

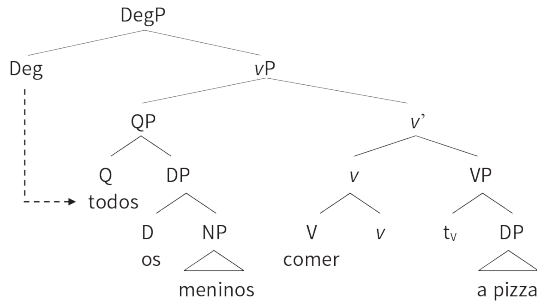
cional tem um traço que atrai o verbo *comer* (o qual se move e se adjunge a *v*) e um conjunto de traços- φ não-valorados. A presença desses traços- φ não-valorados faz de *v* uma Sonda, que busca um Alvo ativo para estabelecer *Agree* e, assim, valorar seus traços- φ . O DP [*a pizza*] se qualifica como Alvo ativo, pois apresenta um traço de Caso não-valorado e tem traços- φ valorados e compatíveis com os traços- φ de *v*. Encontrado o Alvo, estabelece-se *Agree* e, nessa operação, os traços- φ de *v* são valorados, assim como o traço de Caso do Alvo é valorado:

(24)



O argumento externo [*todos os meninos*] tem, em sua estrutura, um modificador de grau que, de acordo com nossa proposta, ativa a projeção DegP. Nesse caso, o sintagma de Grau é inserido diretamente na periferia do vP:¹⁰

(25)

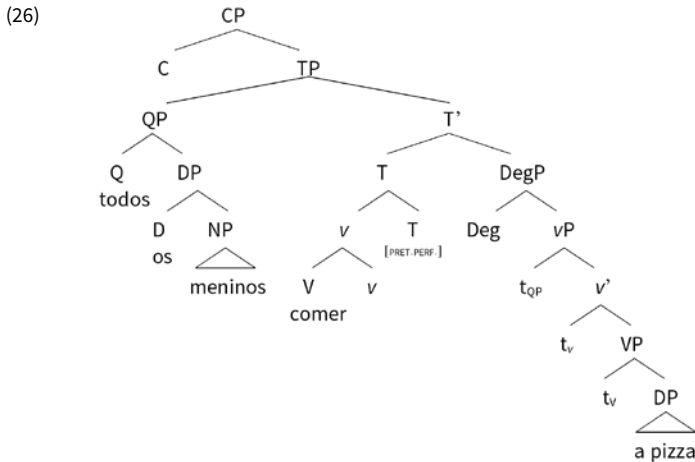


Como nas derivações descritas anteriormente, Deg é um núcleo sintático que apresenta um traço de grau, que, por não estar valorado, qualifica-o como uma Sonda que busca um Alvo com traços compatíveis com os seus. Na derivação acima, o núcleo *todos* tem traço de grau valorado como máximo e, por essa razão, pode ser um Alvo pa-

¹⁰ Acerca da periferia do vP ou periferia esquerda baixa, ver Belletti 2004 e Su 2012.

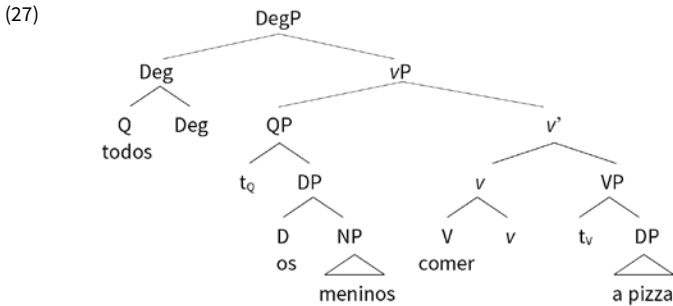
ra Deg. Assim, estabelece-se uma relação de *Agree* entre Deg e *todos*, resultando na valoração do traço de Deg como [GRAU MÁXIMO]. Como na oração *Os meninos comeram toda a pizza*, Deg não possui o traço responsável por atrair o modificador de grau *todos* para Deg. Esse modificador continua, portanto, formando um constituinte com o DP [*os meninos*]. A interpretação dessa configuração é a de que a ação de comer a pizza é realizada pelo conjunto máximo de meninos considerado, ou seja, todos os membros do conjunto denotado por *os meninos* participaram do evento de comer a pizza. Essa é, também, uma leitura quantificacional.

A derivação prossegue com a introdução da categoria funcional T, que estabelece *Agree* com o QP [*todos os meninos*], tem seus traços- ϕ valorados como [3ª pessoa, plural] e valora o traço de Caso desse QP como [NOMINATIVO]. Como nas derivações anteriores, T também tem um traço que ativa o deslocamento do verbo para T e outro traço responsável por ativar o movimento do QP [*todos os meninos*] para a posição de especificador de T. Formado o TP, C é inserido e traz a informação acerca da força ilocucionária da sentença:



Para derivar a sentença *Os meninos comeram todos a pizza*, o mecanismo é o mesmo que deriva a sentença *Todos os meninos comeram a pizza*, exceto em um aspecto relativo aos traços de Deg. Na derivação da sentença *Todos os meninos comeram a pizza*, Deg não apresenta o traço que atrai o modificador de grau *todos* e, por isso, esse modificador forma um constituinte com o DP [*os meninos*]. Na derivação da sentença em estudo, Deg possui esse traço. Devido à presença desse traço em Deg, o modificador de grau *todos* se desloca e se adjunge a Deg, criando o efeito denominado por Sportiche (1988)

de flutuação de quantificador. A representação abaixo ilustra o momento em que *todos* se desloca para Deg:



Na nossa proposta a flutuação do quantificador / modificador de grau se reduz à presença, na estrutura abstrata de traços de Deg, de um traço que força o movimento do modificador de grau para esse núcleo funcional. Como dissemos, a derivação da sentença *Os meninos comeram todos a pizza* segue os mesmos passos da derivação de *Todos os alunos comeram a pizza*, com exceção do traço que ativa o movimento de *todos* para Deg.

5 Considerações finais

Neste trabalho, apresentamos dados do português brasileiro e de outras línguas para ilustrar a estreita relação entre intensidade e quantidade. O objetivo foi o de trazer evidência adicional para uma proposta de unificação de *todo-all* intensificador e quantificador, que, conforme defendemos, é um item lexical só, a que denominamos ‘modificador de grau’. Esse modificador de grau (um item da categoria Q) seleciona um DP como complemento e, juntos, projetam um QP. De acordo com nossa análise, sempre que *todo-all* é inserido na derivação, um núcleo funcional de grau (Deg) também é inserido.

O núcleo funcional Deg é um constituinte importante para nossa análise, pois sua posição na derivação determina as leituras possíveis e sua composição de traços define características superficiais das estruturas com o modificador de grau *todo-all*. No que se refere à posição de Deg na derivação, esse núcleo é introduzido (*externally merged*) imediatamente na periferia do sintagma que domina uma relação predicativa, isto é, o sintagma cujo núcleo toma o QP como argumento. Assim, a leitura de intensidade e a leitura de quantidade são tratadas como um produto direto da sintaxe: quando Deg é inserido na periferia de um AdjP, a estrutura resultante é associada a uma

leitura de intensidade; quando Deg é inserido na periferia de uma projeção verbal (vP ou VP), a estrutura resultante é associada a uma leitura de quantificação. Em relação aos traços de Deg e seus efeitos nas estruturas com o modificador de grau *todo-all*, além do traço de grau não-valorado (que é obrigatório), Deg pode trazer para a derivação um traço que ativa movimento do modificador de grau para Deg: quando esse traço está presente na composição de traços de Deg, o modificador de grau *todo-all* deixa o interior do QP, desfazendo, assim, a relação de constituição com o DP, e se adjuge a Deg; quando esse traço não está presente, não há movimento do modificador de grau para Deg e *todo-all* continua fazendo parte do mesmo constituinte que o DP (qual seja, QP). Como se vê, a presença do traço que ativa movimento do modificador de grau para Deg produz o fenômeno analisado por Sportiche (1988) como flutuação do quantificador.

As vantagens dessa proposta dizem respeito à natureza de *todo-all*, elemento para o qual argumentamos ser inadequado o rótulo ‘quantificador’, e às configurações sintáticas propostas, que dão conta das duas interpretações possíveis, de intensidade e de quantidade.

Referências bibliográficas

- Bélanger, G. (2003). *Propriétés adverbiales du quantifieur TUT en français québécois à Montréal: critique syntaxique et sémantique* [mémoire de maîtrise]. Montréal: Université du Québec.
- Belletti, A. (2004). «Aspects of the Low IP Area». Rizzi, L. (org.), *The Structure of CP and IP*. Oxford: Oxford University Press, 16-51.
- Bošković, Ž. (1994). «D-Structure, Theta Criterion, and Movement into Theta Positions». *Linguistic Analysis*, 24(3-4), 247-86.
- Carreira, M. Barbosa (2015). *Predicação e ambiguidade de projeção: uma teoria unificada* [tese de doutorado]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.
- Foltran, M.J. (1999). *As construções de predicação secundária no português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos* [tese de doutorado]. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Guerra Vicente, H. (2006). *O quantificador flutuante “todos” no português brasileiro e no inglês: uma abordagem gerativa* [tese de doutorado]. Brasília: Universidade de Brasília.
- Guerra Vicente, H. (2016). «O quantificador *todo-all* é um núcleo no português brasileiro». Guesser, S. (org.), *Linguística: pesquisa e ensino*. Boa Vista: Editora UFRR, 33-54.
- Guerra Vicente, H.; Quadros Gomes, A.P. (2013). «Um tratamento unificado de grau para o quantificador flutuante e o intensificador *todo*». *Revista Linguística*, 9(1), 112-32.
- Guerra Vicente, H.; Quadros Gomes, A.; Lunguinho, M.V. (2016). «*Todo*, (bare) Nominals and the Syntax of Degree Modification». Trabalho apresentado no *Nominals - II GETEGRA International Workshop*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- Hornstein, N. (1999). «Movement and Control». *Linguistic Inquiry*, 30(1), 69-96.

- Hornstein, N. (2001). *Move! A Minimalist Theory of Construal*. Oxford: Blackwell.
- Hornstein, N. (2003). «On Control». Hendrick, R. (ed.), *Minimalist Syntax*. Oxford: Blackwell, 6-81.
- Kennedy, C. (1999). *Projecting the Adjective: The Syntax and Semantics of Gradability and Comparison*. New York: Garland.
- Kennedy, C.; McNally, L. (2005). «Scale Structure, Degree Modification, and the Semantics of Gradable Predicates». *Language*, 81(2), 345-81.
- Kornfeld, L. (2012). «Cuantificación e intensificación: algunas notas sobre re e ité en el español del Cono Sur». *Studies in Hispanic & Lusophone Linguistics*, 5(1), 71-101.
- Lacerda, R. (2012). *Quantificadores flutuantes no português brasileiro* [dissertação de mestrado]. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Lacerda, R. (2013). «Structure-Dependent Quantifier Floating in Brazilian Portuguese». Trabalho apresentado no *Going Romance 2012*. Bélgica: Katholieke Universiteit Leuven.
- Lacerda, R. (2016). «Rebel without a Case: Quantifier Floating in Brazilian Portuguese and Spanish». Kato, M.A.; Ordóñez, F. (eds), *Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. New York: Oxford University Press, 78-106.
- Nunes, J. (2001). «Sideward Movement». *Linguistic Inquiry*, 31(2), 303-44.
- Nunes, J. (2004). *Linearization of Chains and Sideward Movement*. Cambridge (MA): MIT Press.
- Partee, B. et al. (1987). *Quantification: A Cross-Linguistic Perspective* [NSF proposal]. Amherst: University of Massachusetts.
- Quadros Gomes, A.P. (2009). *O efeito grau máximo sobre os domínios: como 'todo' modifica a relação argumento-predicado* [tese de doutorado]. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Rickford, J.R. et al. (2007). «Intensive and Quotative *all*: Something Old, Something New». *American Speech*, 82(1), 3-31.
- Rodrigues, C. (2004). «Thematic Chains». *DELTA*, 20(1), 123-47.
- Shlonsky, U. (1991). «Quantifiers as Functional Heads: a Study of Quantifier Float in Hebrew». *Lingua*, 84(2), 159-80.
- Sportiche, D. (1988). «A Theory of Floating Quantifiers and Its Corollaries for Constituent Structure». *Linguistic Inquiry*, 19(3), 425-49.
- Su, J. (2012). *The Syntax of Functional Projections in the vP Periphery* [PhD Dissertation]. Toronto: University of Toronto.
- Valmala-Elguea, V. (2008). «Topic, Focus and Quantifier Float». Artiagoitia, X.; Lakarra, J. (eds), *Gramatika Jaietan: Papers in Honour of Professor Patxi Goe-naga*. Donostia: Supplements of ASJU, 837-57.

